


Bruna Kalil Othero
Iago Passos
Joana Andrade
Marina Alves
Organizadores

Antologia Remix
reescritas da RL



Diretora da Faculdade de Letras
Graciela Inês Ravetti de Gómez

Vice-diretor
Rui Rothe Neves

Comissão editorial
Elisa Amorim Vieira
Emília Mendes
Fábio Bonfim Duarte
Luis Alberto Brandão
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Reinildes Dias
Sônia Queiroz

Projeto gráfico
Glória Campos
(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

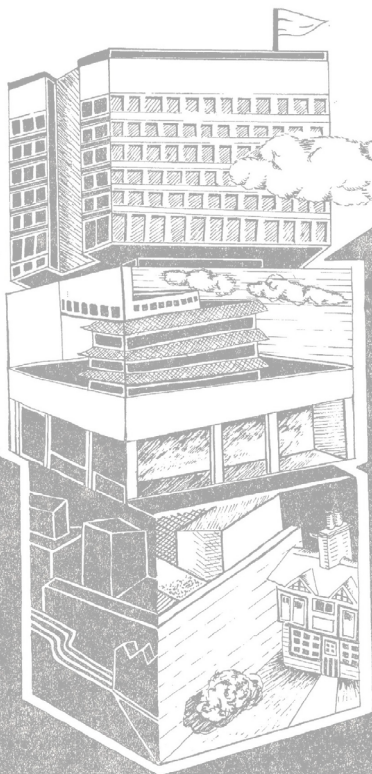
Capa
Iago Passos

Preparação de originais
Bruna Kalil Othero
Iago Passos
Joana Andrade
Marina Alves

Diagramação
Iago Passos
Katryn Rocha

Revisão de provas
Joana Andrade

Endereço para correspondência
LABED – Laboratório de Edição –
FALE/UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 – Sala 3108
31270-901 – Belo Horizonte/MG
tel.: +55 31 3409-6072
site: www.letras.ufmg.br/vivavoz
e-mail: vivavozufmg@gmail.com



Soraya Lomas 88

Prelúdio ao Remix

Luzes na pista. As palavras ditam a batida. Remix, novas leituras, novas escritas. Seguimos reinventando a dança.

No primeiro semestre de 2016, uma disciplina de edição foi ofertada aos alunos da graduação em Letras na UFMG. A premissa era simples: estudar a Revista Literária da universidade, que estava comemorando 50 anos de existência naquele momento. O resultado, porém, ultrapassou a simplicidade – nós, quando percebemos, já estávamos envolvidos nesse projeto, com seriedade e com afeto.

Além de produções acadêmicas, a disciplina também nos pedia textos literários livres, que conversassem com o que líamos na Revista. Ter um momento para a escrita criativa dentro da Academia é coisa rara; por isso foi tão enriquecedor poder partilhar do nascimento dos textos que se seguem.

Depois de meio século, o legado da Revista Literária da UFMG é mais contemporâneo do que nunca. A participação no processo de edição da antologia

comemorativa de 50 anos, coordenada pelo nosso querido mentor Luis Alberto Brandão, acendeu em nós, estudantes, uma chama de seguir resistindo por meio da literatura. Esta Antologia Remix, além de uma homenagem à RL, é também uma maneira que encontramos de reafirmar nossas vozes em um período tão incerto.

Acreditamos no poder da literatura e na sua temporalidade radical. Reler a Revista, tanto tempo depois, sentindo seus ecos com tamanha intensidade, atesta a sua força e relevância. E poder ressignificá-la, sob novos olhares, torna esse voo ainda mais agradável e surpreendente. Viva a RL!

A Prefeitura, fará a
Avenida Getúlio Vargas
Avenida Getúlio Vargas e da Praça João Pessoa
possibilitar livre acesso do público pelas galerias no
ocorrerantes. Assinou que será construída um a que
de arquitetura, no local onde funciona a estação
mento rotatório municipal, para possibilitar a parte do público e
a comissão julgadora uma melhor visão nos desfiles, as escolas
e escolas de samba. Outra medida importante
poderá contribuir para melhorar a qualidade
construção de baterias de sanitários públicos
Secretário de Turismo que isso nunca foi
resposta até o ano de uma
Agora a Prefeitura terá im

12

UTILIZANDO
CREDENCIAMENTO
EPAGUETAS 5 MES

Promoção
CADEIRAS

F-0735

Rubi Rocha 82



ana é o nome do meu buraco.
por isso arranho-na, e nas unhas
enceno as cicatrizes do vir a ser.
ana é relance de um tempo raso
um quando faísca — não chama —
maçãs sem casca & sem karmas
erosões maternas, rezas planas
ana antes do recreio dos sapos
dos sacis, dos paramécios,
ana antes que houvesse hóstia,
transa casa e metafísica.
ana sem sândalo: pá e pedra,
chuva e enxada — cavamos-na.
ana que afunda — estanca —
um pouco cresce em cada queda
e colher em colher de terra
ana anda ao hipocentro
de um tempo que não virou.
ana é o nome. úmido berço.
poço — quem desce espia
e semente que sou
afundo e findo: faço de esterco
os primeiros dias.

Delicada comemoração

O segredo é se manter ocupada.

Hoje acordei rapidinho fiz café tirei os meninos da cama dei café levei os meninos pra escola fui trabalhar mas demorei pra me levantar estava fraca fraca.

Dois de junho vejo no calendário e o sol está em gêmeos é meu aniversário de quarenta anos ai quarenta anos meu deus muitos tempos presa nesse signo nesses signos porque gêmeos são dois são o sim e o não mas eu não tenho calendário e vi a data no celular.

Quando eu era jovem prometi a mim mesma que com quarenta anos seria poeta ana cristina sylvia plath florabela espanca o que elas têm em comum e hoje faço quarenta anos tentando cumprir este último desejo jovem o meu.

Isto é um poema. Isto não é um poema. Terceira quarta edição empenou na gráfica mas eu não conheço gráfica nenhuma o revisor não entregou o texto na data limite mas já são seis horas e eu preciso buscar os meninos na escola fazer janta colocar eles todos na cama serenos.

Enfim só nos meus quarenta anos soprando as velas

que comprei na padaria da esquina em cima do lindo bolo sóbrio que eu mesma fiz enfim só mas o meu marido signo de escorpião quis me dar um presente especial no quarto e eu fui como não ir eu fui sim.

O segredo é se manter ocupada ainda que seja escrevendo um não-poema de gêmeos na madrugada cuidando dos meninos sendo picada pelo marido escorpião embora na verdade eu esteja comendo calmamente um pedaço desse bolo venenoso ai errei a mão e ficou amarg

A tarde canta a trama

descobre
o sal
e o sangue

em sigilo
habita
o não sabido

inventa
entre os escombros

canta
à pele que embrutece

e descansa (
descama)

contempla
a tarde
e a letra

(o seu silêncio)
aguarda
o sopro

Verbetes: martírio

Quando você pensa em algo que faz bem, não imagina que esse algo pode se tornar um martírio.

Quando você chega em casa cansada-estressada-sem-vontade-de-nada-além-de-dormir e se vê diante de um-dois-três-doze-textos (como se não bastassem todas as palavras ao longo do dia) que já deveriam ter sido lidos e pensa em chorar e começa com o primeiro (porque a ordem é amiga dos desesperados) e não consegue parar no primeiro e continua como-se-a-cama-não-estivesse-te-chamando-como-se-o-chá-não-estivesse-pronto-e-a-geladeira-não-estivesse-vazia-e-o-estômago-não-estivesse-pior-ainda.

E aí você percebe que mesmo estando no segundo não consegue tirar o primeiro da cabeça e não consegue mais usar vírgula porque aquilo tem-que-sair-de-você-sem-pausas-sem-te-deixar-pensar-em-nada-além-de-um-jorro-de-palavras-aleatórias-e-desesperadas-e... cansadas. E já no terceiro você joga a toalha porque precisa voltar para o primeiro e ler de novo e tentar absorver mais e

esgotar as entrelinhas e tentar parar de pensar que algo daquele porte nunca vai sair dos seus dedos. E quando a resignação finalmente chega você se vê de novo diante de um-dois-nove-textos que sobraram e as palavras-faltam-a-fome-grita-o-sono-volta. E você busca o chá e um biscoito, continua sentada no mesmo lugar e se permite parar de reclamar um pouco, afinal a escolha foi sua.

Sempre é.

Talvez. Talvez eu tenha reescrito o verbete martírio no meu dicionário pessoal.

Tarde demais

A tarde corre como um rio
mas não sei se rio
pois tardo
a me percorrer

A tarde se espalha como uma chama
que também me chama
pois tardo
a me espalhar

No meio dessas comparações sem sentido
talvez o único sentido
seja o tato
que me faz parar
antes que seja tarde demais

Memórias de uma vida não havida

Despertou instantaneamente quando Iara abriu com violência a porta do armário. Já estava acostumado com a atitude da moça, sempre atrasada. Por um segundo achou que ela procurava o relógio que na noite anterior caíra atrás da sapateira. Mas, pelo desespero, percebeu que ela procurava algo longe de seu alcance. Revirava, com completa falta de jeito, tudo o que encontrava pela frente. Acabou achando o bilhete de um antigo namorado – Iara, ainda não encontrei palavras para descrever – TRIIIIIIM, TRIIIIIIM, TRIIIIIIM.

O despertador toca pela milésima vez e ela acorda das memórias de uma vida que nunca teve. O papel volta para a gaveta. Ela continua a busca incansável por algo que talvez nem se lembre mais o que seja. Os minutos passam em uma velocidade que só quem está atrasado consegue sentir.

Finalmente encontra. Estava ali o tempo todo. Bem na sua frente. Talvez a falta de tempo funcione como uma venda. Sai de casa, olha para o céu. É, realmente

valeu a pena a busca em meio ao caos. Empurra a haste e caminha em direção ao ponto de ônibus. Agradece por estar seca e promete a si mesma que amanhã acordará com o primeiro toque do alarme.

Quitação

"e a morder

a carne

e a beber

o sumo"

(Sônia Queiroz)

tu
dona da cama
crias impérios
raízes
linguagens

tu
dominadora
me laças lascívia
e eu vou
toda túrgida

tu
domingo na igreja
pões a mesa
a carne
e o vinho

tu
dote
gozo
deus

tu
tudo
agora tens
todo
um poema.

Terceira margem

Telúrico,

o menino lia a poesia bruta das peles. Das cascas de terra seca aprendia que o caminho da água era também o caminho da vida que brota e escorre.

– Mãe, o furacão do peixe é o redemoinho?

Lembra de ter visto um filme em que haviam seres humanos em outros planetas e lá eles ouviam, emocionados, concertos de silêncio. Lembra do jeito que as folhas roçavam a pele do corpo intruso - é que não haviam muitas trilhas por aqueles lados, gostava mesmo era de conversar com os bichos ocultos.

Foi lá que percebeu que seus pensamentos não brotavam de si. que seu corpo era apenas uma estação em que as sensações pousavam e seguiam pelo vento.

– Mãe, quantos anos tem esse vento que passou aqui agora?

De onde veio todo este cinza? Foi também o vento que lhe contou a história de um velho moço namorado do rio que cantava sempre em sua terceira margem. De tanto amor pelo que vem, escorre e continua vindo, foi presenteado com as pedras que o rio desenhou. Com elas aprendeu que dentro da terra o tempo fazia brilhar as jóias da espera. Aprendeu também a fria duração dos metais e forjou a sua lâmina. Virou espera latente, no subterrâneo de onde brota o sonho da matéria.

Quando acordou, era quase tudo cinza, exceto um fiapo de caule, um mato qualquer nascido de uma fresta, dessas que o tempo sempre abre.

– Filho, não carece pressa, você também vai ser vento pra saber.

Lácio

declinam os astros

e teu corpo-luz
obediente aos fados
teima querer – memória – ser:

alvas letras nesta página
fonemas em doce trato
concisos átomos

imensidão

Asas

Estranho que a liberdade possa se tornar um problema. Até mesmo para quem se sente livre. Porque a liberdade não é única: ela é sua e de vários outros. E você quer que seja assim. Afinal de contas, como não lutar pelo direito básico de qualquer ser vivo? Como não buscar algo que faz parte do corpo, que tem nas asas o símbolo maior? Mas a liberdade não é única: ela é sua e de vários outros. Ela é sua e também de quem não entende o significado dela. Ela é sua e do dono da arma.

O pássaro ferido é uma bandeira
no azul de súbito interrompida
Ela era sua. Agora é só lembrança.

Trama de Carl Jung

a flor de ouro
resplandece sobre a areia

para o amor
que se reserva ou se arrisca

a água, o trovão e o abismo
em solidão

habita o não sabido
o sem nome do sigilo

arremessa cores na lua que
em loucura

reluz
em rito e carnaval

é a sina dos que inventam
entre sombras e intervalos

o príncipe salva o dragão
e mata a princesa

não há cena previsível
redizível

a paixão

Temporal

A tarde caía. Não sabia outro movimento, porque vinha cair em cima da terra, como se quisesse sufocar o sol. Desce laranja ensanguentada, anunciando, obrigando o fim do dia. Cai a tarde para lembrar que as coisas não podem ficar paradas. Mesmo monótona, a tarde não pode morrer, porque não está viva.

Colore o céu, ilustre. Impõe a noite, dizendo para as pessoas se recolherem, que um novo dia virá. Mas vai demorar um pouco. Elas precisam seguir com a vida. As nuvens brancas se dissipam no palco imenso, que vai escurecendo, cansado do dia de trabalho.

O sol inquieto vai correr sua maratona. Não é competição, só uma caminhada matinal. Precisa girar, transladar. Ocupa o tempo, porque não o pode perder. Ninguém sabe o que aconteceria se o sol perdesse a hora. Melhor não arriscar.

O menino pergunta o que está acontecendo. Seu sistema nervoso não conhece os sinais, como os pássaros, desde que nascem. Segura a barra da saia da mãe, quer

se esconder do que não entende. Parece que vai cair um temporal no fim da tarde.

Temporais só sabem cair. Aproveitam a noite para se esgueirar traiçoeiros. Este, pelo que tudo indica, quer cometer tragédias. A chuva é coisa natural, um fenômeno apenas, nada mais. Ela não arquiteta. Não sabe que ameaça os pequenos animais que vivem a correr dela. Esta, porém, parece mais passional, age junto de seus raios e trovões.

Primeiros pingos de chuva e o mundo está caindo. O menino não sabe se o mundo voltará ao lugar. Talvez volte. A mãe já enfrentou tantos temporais, não se assusta mais. Todos estão em casa, em seus lugares. O menino ainda é pequeno e medroso. Tem mais dois irmãos, mas eles são grandes e sabem se consolar. O pai também é homem feito, não gosta de ter medo.

Melhor dormir e esperar a chuva acabar. Amanhã acordará com os passarinhos piando na janela. O sol tomará seu posto, ainda que se demore. Tudo voltará a seus lugares. Assim funciona o caos. Estabiliza logo. Porque não se pode viver em convulsão.

Desejo

O que estás a olhar?
Olha-me dentro dos olhos
Beija-me dentro da boca
Oca
À espera de um beijo teu
E também meu
Desejo

No divã com a Revista Literária da UFMG

Revista Literária da UFMG, seja bem-vinda. Posso te chamar de você? Como só temos cinco perguntas, vou pular as preliminares, espero que não se importe. Sua última edição, a “Ipsis”, foi em 2002, um derradeiro suspiro depois de alguns anos de hiato. Estamos hoje em 2016, cinquenta anos após o seu nascimento. Você se sente morta?

Obrigada por me receber, Bruna. Como você fez questão de dizer, eu tenho cinquenta anos. Ainda não sou uma senhora. Por favor, me chame de “você”, sim. Não ligo pra preliminares: nós da literatura já lidamos demais com elas. E respondendo a sua pergunta: não, não me sinto morta. Nos últimos tempos, vá, admito, pensei que já estava em um túmulo irreversível. Ninguém me lia mais, não sabiam sequer que eu havia existido. Passei por um período muito solitário. Mas, recentemente, percebi que isso era bobagem minha – estou viva sim, e continuarei viva até quando me deixarem.

Na comemoração dos seus 50 anos, um grupo editorial está organizando a “RL50”, uma homenagem à sua história, que pretende também te divulgar, depois desse tempo de silêncio. Acha que a RL50 vai te ressuscitar?

Como acabei de dizer, não acho que eu tenha morrido. Já morri, já ressuscitei. Estou toda, completa, inteirinha, disponível na internet. Fico muito feliz pelo trabalho com a RL50, e acho que ela vai ajudar a restaurar a minha fama de antes (se é que podemos falar em fama na literatura). Pelo menos, as pessoas, os jovens principalmente, vão descobrir sobre a minha existência. E me sinto grata e muito viva por isso.

Sobre a literatura na UFMG. Existe, sobrevive ou já foi enterada?

Você, Bruna, é uma entrevistadora muito ranzinza. *[risos]* Com esses papos de vida, morte. Até parece que estou numa sessão de terapia. Sorte sua que, com essa idade, depois de tantos silêncios e promessas não cumpridas, também tenho eu a minha dose de melancolia. Isso que você está me perguntando é a mesma coisa de perguntarem se existe amor no mundo. Existir, existe; agora, se é interessante, se é bem-feito, se faz bem pra saúde, aí é outra história.

Você é mãe de vários autores hoje consagrados, já que foi a primeira a lançá-los no mercado. Tem um filho preferido? Ou algum que você prefere deserdar?

Tenho carinho por todos os meus filhos, todos. Jamais deserdaria algum. Nem posso apontar um predileto. Vai que o pai [referindo-se a Plínio Carneiro] fica sabendo e conta pros outros. Aí eu é que escuto lá em casa. [risos] Porém, sinto vontade de dar uns puxões na orelha daqueles que não seguiram carreira na literatura. Tão promissores, tão cheios de boas ideias... e acabaram deixando a veia poética de lado. Uma pena, pena mesmo.

Agora, a nossa pergunta final. Clarice Lispector, na sua última entrevista, quando indagada sobre seu texto preferido, citou o conto “Mineirinho”, que tem uma pegada bastante social. Logo depois, Julio Lerner, o entrevistador, quis saber em que medida o seu trabalho, nesses casos em que a literatura se engajava, alterava a ordem das coisas. E Clarice responde, muito melancólica: “não altera em nada. Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada.” E você, Revista? Acha que o seu trabalho alterou, em alguma medida, a ordem das coisas?

Bom, se nós duas estamos aqui, hoje, cinquenta anos após o meu nascimento, falando de literatura, da minha literatura, eu só posso achar que sim, né?

[Entrevista concedida no dia 14 de abril de 2016.
A gravação se perdeu, restando apenas este papel,
provavelmente falso, ficcional. A gerência responsável
agradece a gentileza da Revista ao responder nossas
perguntas.]



O poema “ana é o nome do meu buraco” surgiu a partir do conto “Memória das cacimbas” de Antônio Rodrigues de Souza, e “As três Juremas em ritmo de desencanto” de Ana Maria de Almeida. O texto “Delicada comemoração” conversa com Sandra Duarte Penna e o seu “Delicadeza do Amor”. O poema “A tarde canta a trama” foi remixado a partir dos poemas: “Tarde”, de Antônio Rodrigues de Souza, “Canção”, de Luiz Carlos Alves e “Trama” de Maria Esther Maciel. O texto “Verbete: martírio” surgiu a partir da leitura do conto “A teia” de Francisco de Moraes Mendes. Os textos “Tarde demais” e “Temporal” surgiram a partir da leitura do poema “Tarde”, de Antônio Rodrigues Souza. O texto “Memórias de uma vida não havida” nasceu a partir do poema “Soneto do relógio de pulso”, de Ernesto Penafort. Os poemas “Desejo” e “Quitação” surgiram a partir do poema “Dívida” de Sônia Queiroz. “Terceira margem” foi transbordado a partir do poema “Água”, de Sérgio Coelho de Medeiros e do conto “Relato de um Sobrevivente”, de Alan de Freitas Passos. “Lácio” foi escrito a partir do texto “Corpo dourado de pantera”, de Duílio Gomes. “Asas” surgiu a partir do texto “Poema” de Luiz Carlos Alves. “Trama de Carl Jung” foi remixado a partir dos poemas “Delírios de Carl Jung” e “Trama”, de Maria Esther Maciel.

Os textos mencionados, bem como todas as edições da Revista Literária da UFMG se encontram disponíveis online no endereço: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/literaria_corpo_discente/issue/archive.

Índice de autores

Ana Cardoso. 27

Bruna Kalil Othero. 9, 17, 28

Carla Neves. 12, 22

Daniela Menezes. 23

Ernani Silva. 21

Iago Passos. 11, 19

João Menegali Barbi. 14

Lilian Martins. 25

Luiza Fontes. 15

Marina Alves. 8

Esta publicação foi impressa em papel marfim 75g para o miolo e couchê 170g para a capa, utilizando a fonte Garamond.